

DESENVOLVIMENTO DA VIDEIRA “SUPERIOR SEEDLESS” EM DIFERENTES ÉPOCAS DE PODA EM JUAZEIRO-BA

Laise Guerra Barbosa¹, Juliane Rafaele Alves de Barros¹, Francislene Angelotti², Fanuel Gonçalves Silvestre¹, Heraldo Alves Fernandes³, Marisa Martins Zucal⁴;

(¹) Tecnólogo em Fruticultura Irrigada, bolsista Embrapa Semiárido. E-mail: laise_guerra@hotmail.com; (²) Eng^a. Agrônoma, Embrapa Semiárido, BR 428, Km 152, CEP 56302- 970, Petrolina, PE. E-mail: fran.angelotti@cpatsa.embrapa.br; (³) Biólogo, bolsista FACEPE/Embrapa Semiárido. E-mail: heraldoaf@hotmail.com; (⁴) Agrônoma, bolsista FACEPE/ Embrapa Semiárido.

INTRODUÇÃO

A cultura da videira apresenta uma grande importância econômica e social para o Vale do São Francisco, por envolver um grande volume anual de negócios voltados para os mercados interno e externo, apresentando o maior coeficiente de geração de empregos diretos e indiretos, destacando-se na fruticultura Irrigada.

Apesar de ser uma cultura de clima temperado, a videira adaptou-se muito bem nas condições climáticas tropicais do Submédio do São Francisco, podendo produzir até 2,5 safras por ano. O clima possui forte influência sobre a videira, sendo importante na definição das potencialidades das diversas regiões para a cultura. Para a região Nordeste, verifica-se que o comportamento fenológico da cultura é totalmente distinto das regiões de clima subtropical e temperado, variando também com as diferentes épocas de poda.

A fenologia visa caracterizar a duração das fases de desenvolvimento da videira em relação ao ambiente, especialmente às variações climáticas estacionais, servindo para interpretar como as diferentes regiões climáticas interagem com a cultura (TERRA et al., 1998).

De acordo com Leão; Silva (2003), a fenologia varia em função do genótipo e das condições climáticas da região produtora ou em uma mesma região devido às variações estacionais do clima ao longo de todo o ano. Também fornece informações ao produtor para o conhecimento antecipado das prováveis data de colheitas, indicando ainda o potencial climático das regiões para cultivo e produção de uva (PEDRO JUNIOR et al., 1993).

O objetivo deste trabalho foi avaliar o comportamento fenológico e o crescimento dos ramos da videira, cultivar “Superior Seedless”, em diferentes períodos de poda.

MATERIAL E MÉTODOS

O trabalho foi conduzido na Embrapa Semiárido e no Campo Experimental de Mandacaru (09°24'S 40°26'W e 375,5 m), município de Juazeiro - BA, no período de março

à agosto de 2010. Foi utilizada a cultivar “Superior Seedless”, em sistema de condução tipo latada, espaçamento 4 x 2 m, manejo convencional e irrigação por microaspersão. Os tratamentos constaram de diferentes épocas de poda: 15/mar, 12/abr, 10/mai, 07/jun. Cada poda foi constituída de duas fileiras com 10 plantas, casualizando quatro plantas em cada fileira. Para a avaliação do crescimento da planta foram avaliadas, semanalmente, o comprimento do ramo, e acompanhamento do estágio fenológico de cada poda de acordo com a escala de Eichhorn; Lorenz (1984).

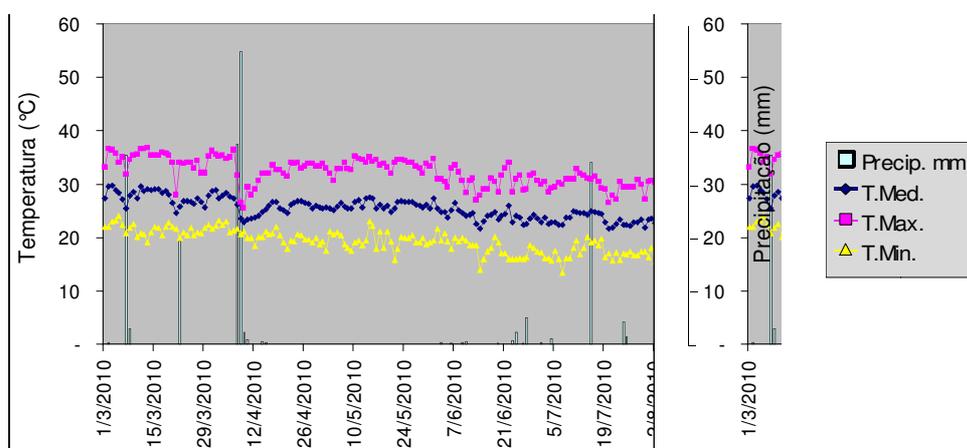


Figura 1. Temperatura máxima, média, mínima (°C) e precipitação (mm), médias diárias monitoradas no período de março a agosto de 2010, Juazeiro-BA.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com os dados obtidos no campo, observou-se variação na duração dos estádios fenológicos principalmente para as podas de 15/março e 07/junho. Inicialmente a poda 15/março obteve um desenvolvimento mais acelerado, devido às condições favoráveis de temperatura. Para a poda 07/junho o desenvolvimento foi mais rápido na fase de maturação, não havendo diferença no período de colheita entre os tratamentos (Tabela 1). Essas variações ocorreram principalmente devido as variações de temperatura nos diferentes períodos de poda.

Tabela 1. Duração dos estádios fenológicos da videira, em dias, em função da data de poda, Juazeiro – BA, 2010.

Estádios fenológicos	Data da poda			
	15/março	12/abril	10/maio	07/junho
Poda à gema algodão	6	8	7	10
Gema algodão à brotação	9	11	11	14
Brotação ao aparecimento da inflorescência	17	15	18	22
Aparecimento da inflorescência ao florescimento	24	27	28	35
Início da maturação à colheita	73	71	77	70
Ciclo da poda	100	101	101	100

Os tratamentos podados nos meses de março e abril obtiveram maior crescimento dos ramos (89.06 e 76.62 cm) aos 30 dias após a poda, quando comparados ao crescimento dos ramos das plantas podadas em maio e junho. Isto ocorreu a ocorrência de temperaturas mais baixas observadas nos meses de maio e junho. Segundo Sentelhas et al. (1998), a temperatura do ar apresenta diferentes efeitos sobre a videira, influenciando praticamente todos os processos fisiológicos da planta.

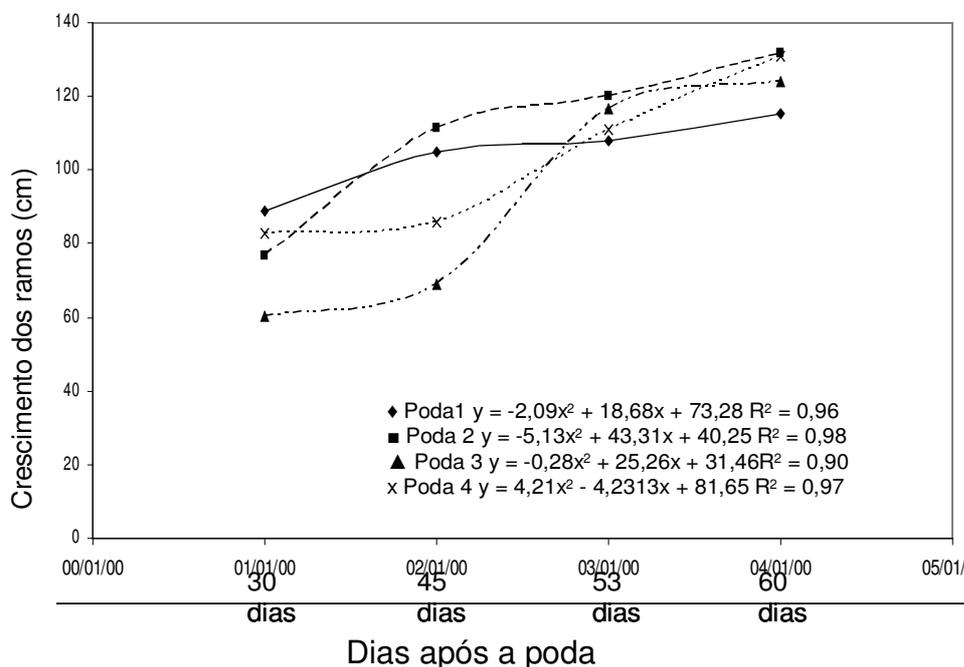


Figura 2. Evolução do crescimento dos ramos (cm) em diferentes épocas de poda, Juazeiro–BA.

CONCLUSÕES

As diferentes épocas de poda, no período de março a agosto de 2010, não alteraram a duração do ciclo (poda a colheita) para a cultivar “Superior Seedless”. Entretanto, o crescimento dos ramos de plantas podadas nos meses de março e abril foi no período de 30 a 45 dias após a poda, quando comparado com podas realizadas nos meses de maio e junho.

REFERÊNCIAS

- EICHHORN, K.W., LORENZ, D.H. Phaenologische Entwicklungsstadien der Rebe. **European and Mediterranean Plant Protection Organization**, Paris, v.14, n.2, p.295-298, 1984.
- LEÃO, P. C. S. de; SILVA, E. E. G. Caracterização fenológica e requerimentos térmicos de variedades de uvas sem sementes no vale do São Francisco. **Revista Brasileira de Fruticultura**, Jaboticabal, v. 25, n.3, p. 458-460, 2003.
- PEDRO JÚNIOR, M. J.; SENTELHAS, P. C.; POMMER, C. V.; MARTINS, F. P.; GALLO, P. B.; SANTOS, R. R. BOVI, V.; SABINO, J. C. Caracterização fenológica da videira ‘Niágara Rosada’ em diferentes regiões paulistas. *Bragantia*, Campinas, v. 52, n. 1, p. 153-160, 1993
- SENTELHAS, P. C. Aspectos climáticos para a viticultura tropical. Informe Agropecuário, Belo Horizonte, v. 19, n. 194, p. 9-14, 1998.
- TERRA, M. M.; PIRES, E. J. P.; NOGUEIRA, N. A. M.; POMMER, C. V. Tecnologia para produção de uva Itália na região noroeste do Estado de São Paulo. Campinas: CATI. 1998. 81p. (Boletim Técnico, 97).